

Registros recentes de *Strix huhula* no Estado do Rio de Janeiro (Strigiformes: Strigidae)

Luiz Pedreira Gonzaga¹ e Gloria Denise Augusto Castiglioni

Laboratório de Ornitologia, Departamento de Zoologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Caixa Postal 68033, 21944-970 Rio de Janeiro, RJ, Brasil. ¹E-mail: lpg@biologia.ufrj.br

Recebido em 18 de maio de 2004; aceito em 14 de julho de 2004

ABSTRACT. Recent records of the Black-banded Owl *Strix huhula* in Rio de Janeiro State (Strigiformes: Strigidae). Records of this little-known owl from the União Biological Reserve (22°27'S, 42°02'W) at near sea level in 2000 and 2002 and from the border of Tijuca National Park (22°56'38''S, 43°15'29''W) at 110 m in 2004 are documented by two road-killed specimens and tape recordings of one calling bird, respectively. The Biological Reserve is located in the municipalities of Casimiro de Abreu, Macaé and Rio das Ostras in the north of the State, and the National Park is included in Rio de Janeiro City. The only known record of this species in Rio de Janeiro State after the nineteenth century was based on a feather found at 550 m in the second half of 1980s in Desengano State Park, in the municipality of Santa Maria Madalena, in the north of the State. The present record is the first documented one for this species in the municipality of Rio de Janeiro, where it was known previously with certainty only from a nineteenth century sight record. Examples of songs and call notes of *S. huhula* are presented in spectrograms and briefly described.

KEY WORDS: Atlantic forest, geographic distribution, Rio de Janeiro, Strigidae, *Strix huhula*.

PALAVRAS-CHAVE: Distribuição geográfica, Floresta Atlântica, Rio de Janeiro, Strigidae, *Strix huhula*.

A coruja-preta, *Strix huhula*, é uma espécie endêmica da América do Sul, onde ocorre entre o sul da Venezuela e o norte da Argentina (Holt *et al.* 1999). São reconhecidas duas subespécies, *S. huhula huhula* e *S. huhula albomarginata*, esta última com distribuição geográfica restrita à região da Mata Atlântica, no sudeste do Brasil, leste do Paraguai e nordeste da Argentina (Partridge 1956, Holt *et al.* 1999). No Brasil é conhecida do Espírito Santo (Forrester 1993, Simon 2000, Willis e Oniki 2002) e leste de Minas Gerais até Santa Catarina (Sick 1997). A localidade-tipo de *S. huhula albomarginata* é o Estado do Rio de Janeiro (“Habitat noctivaga in sylvis provinciae Rio de Janeiro”; Spix 1824:23 *apud* Partridge 1956).

Apesar de sua ampla distribuição geográfica, essa coruja tem sido considerada uma espécie aparentemente escassa, cujo *status* de conservação talvez mereça uma reavaliação (Holt *et al.* 1999). Tem sido registrada principalmente em localidades a baixa altitude, entre o nível do mar e 500 m, raramente alcançando 1400 m; habita áreas de floresta úmida com árvores altas (incluindo matas de *Araucaria*), mas também pode ser ocasionalmente encontrada em ambientes antrópicos, como bananais e cafezais (Holt *et al.* 1999). No Espírito Santo, que representa o limite norte conhecido de distribuição da espécie na região da Mata Atlântica, ela tem sido observada no Município de Santa Teresa entre 600 e 900 m de altitude (Forrester 1993, Simon 2000, Willis e Oniki 2002), havendo também um exemplar coletado no Município de Linhares, próximo ao nível do mar (Willis e Oniki 2002).

No Estado do Rio de Janeiro, o único registro conhecido posterior ao século XIX foi feito na área do Parque Estadual do Desengano, Município de Santa Maria Madalena, na segunda metade da década de 1980, conforme relatado por J.

F. Pacheco e colaboradores no livro de resumos do II Congresso Brasileiro de Ornitologia. Esse registro foi baseado em uma pena, encontrada a 550 m de altitude e posteriormente identificada por J. F. Pacheco como proveniente de um indivíduo dessa espécie (C. E. Carvalho *com. pess.*, 2004). Um exemplar colecionado pelo príncipe de Wied, que se encontra no American Museum of Natural History, e cuja procedência é registrada como “Rio de Janeiro” (Partridge 1956), é o mais antigo documento da ocorrência da espécie ao menos no Estado do Rio de Janeiro, sendo possível que tenha sido obtido nos arredores da própria cidade do Rio de Janeiro (J. F. Pacheco *in litt.* 2004).

Devido à escassez de informações, *S. huhula* foi incluída numa lista de espécies “sobre as quais não existem quaisquer dados que possibilitem o julgamento de seu *status*”, em uma avaliação que resultou na elaboração da primeira listagem oficial de espécies da fauna ameaçadas de extinção no Estado do Rio de Janeiro (Alves *et al.* 2000). Aqui relatamos alguns registros mais recentes dessa espécie no Estado do Rio de Janeiro e apresentamos uma descrição ilustrada de vozes do seu repertório. A taxonomia adotada segue Holt *et al.* (1999).

Município de Casimiro de Abreu. A ocorrência de *S. huhula* nesse município foi recentemente documentada através de dois exemplares encontrados mortos, aparentemente vítimas de atropelamento, junto à rodovia BR-101, no trecho que atravessa a área da Reserva Biológica União (22°27'S, 42°02'W). Ambos foram recolhidos por funcionários dessa Unidade de Conservação e encaminhados pelo seu chefe W. J. da Costa Jr. ao Laboratório de Ornitologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro para identificação. Um desses exemplares (figura 1), um macho adulto obtido em

2002 (peso 345 g, comprimento total 39 cm, asa 26,3 cm, cauda 14,7 cm), foi montado para exibição e encontra-se na sede administrativa da Reserva União. O outro exemplar, de sexo indeterminado (peso 400 g, comprimento total 39 cm, asa 26,0 cm, cauda 14,9 cm), obtido em 18 de julho de 2000, foi taxidermizado e depositado no Museu Nacional do Rio de Janeiro (MNRJ 43.714). A Reserva Biológica União é uma Unidade de Conservação Federal, com 3.126 ha, dos quais 2.368 ha são de mata contínua bem preservada, situada na confluência dos municípios de Casimiro de Abreu, Rio das Ostras e Macaé, com altitudes variando de 50 m a 376 m (Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável 2001).

Bencke e Bencke (1999, 2000) sugerem que o atropelamento em estradas pode ser uma fonte importante de mortalidade para corujas florestais de grande porte, e que seria oportuna a implementação de um plano de monitoramento em áreas de preservação cortadas por rodovias (como é o caso da Reserva União), visando a adoção de medidas para reduzir o risco para espécies raras ou ameaçadas em escala regional.

Município do Rio de Janeiro. Entre as 23:00 h e 00:30 h da noite entre os dias 2 e 3 de março de 2004 ouvimos gritos e o canto de uma coruja que provinham de uma encosta florestada junto a um pequeno afluente do rio Maracanã, no sopé da face leste do maciço da Tijuca (22°56'38''S, 43°15'29''W), a 110 m de altitude, na cidade do Rio de Janeiro. Essas vocalizações foram registradas em fita DAT com um gravador Sony TCD-D8 usando-se microfone Sennheiser ME-64, tanto acoplado a um refletor parabólico de 60 cm de diâmetro quanto apontado diretamente para a fonte dos sons, encontrando-se essas gravações depositadas no Arquivo Sonoro Prof. Elias P. Coelho (ASEC) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ASEC 11.883–11.889). Nessa ocasião, ouvimos apenas um indivíduo vocalizando. Quando reproduzimos a gravação de seu canto (figura 2a) através de uma mini-caixa acústica amplificada Philips SBC-3207, sua aparente reação foi a de voar da mata, em um ponto que não conseguimos localizar, para a copa de uma árvore alta isolada no jardim de uma residência a mais de 100 m de distância, onde continuou emitindo gritos (figuras 3a–c) mas não voltou a cantar. No início desse trajeto passou a cerca de 10 m acima de nós, sendo-nos possível ver rapidamente, contra o céu totalmente nublado e um pouco iluminado pelas luzes urbanas, a silhueta escura de uma ave, compatível com a de uma coruja de porte médio. As vocalizações dessa ave foram identificadas como provenientes de um indivíduo de *S. huhula* por comparação com as gravações do canto desta espécie (figuras 2b–c) e de *S. virgata* (figura 2d) apresentadas em Hardy *et al.* (1989) e Straneck (1990). As únicas aves noturnas cujas vocalizações haviam sido ouvidas por nós até então nesse local, onde residimos desde agosto de 2003, foram identificadas como *Caprimulgus longirostris*, *Otus choliba* e *Pulsatrix koeniswaldiana*.

Sick e Pabst (1968) incluíram *S. huhula* na lista de referência básica da avifauna do Município do Rio de Janeiro baseados apenas no testemunho de Natterer sobre o encontro de três exemplares, que não foram abatidos, no Corcovado, dentro da cidade do Rio de Janeiro (“Auf dem Curcovado bei Rio de Janeiro wurden 3 Exemplare angetroffen aber nicht



Figura 1 - A ocorrência de *Strix huhula* no Município de Casimiro de Abreu, norte do Estado do Rio de Janeiro, está documentada por este exemplar, um macho obtido em 2000, e por outro exemplar obtido em 2002, ambos encontrados mortos no trecho da rodovia BR-101 que atravessa a Reserva Biológica União.

erlegt (...)” [Pelzeln 1868–1871:8]). Anos depois, Sick (1983, 1985:745) não manteve a espécie na lista das aves da cidade do Rio de Janeiro, que ele apresentou como uma edição revista e atualizada daquela publicada em Sick e Pabst (1968), aparentemente não aceitando mais a validade da observação de Natterer devido à falta de documentação e de observações adicionais posteriores. Contudo, Pacheco (1988) reafirmou esse registro, defendendo a manutenção da espécie na lista, ainda que sem acrescentar qualquer nova informação. Nossa observação no sopé do maciço da Tijuca, portanto, constitui o primeiro registro documentado de *S. huhula* no Município do Rio de Janeiro, afastando ademais qualquer dúvida porventura existente sobre a continuidade de sua existência nessa localidade.

Tanto Sick e Pabst (1968) quanto Pacheco (1988) referem-se à observação de Natterer como tendo ocorrido no “cume” do Corcovado, o que não corresponde ao texto de Pelzeln (1868–1871), transcrito acima. O Corcovado, atingindo a altitude de 710 m, é um dos pontos culminantes da serra da Carioca, que faz parte, assim como o maciço da Tijuca, do Parque Nacional da Tijuca. Esses dois conjuntos montanhosos encontram-se ainda hoje florestados ou densamente arborizados em diversas porções de suas encostas, inclusive em partes mais baixas próximas às planícies

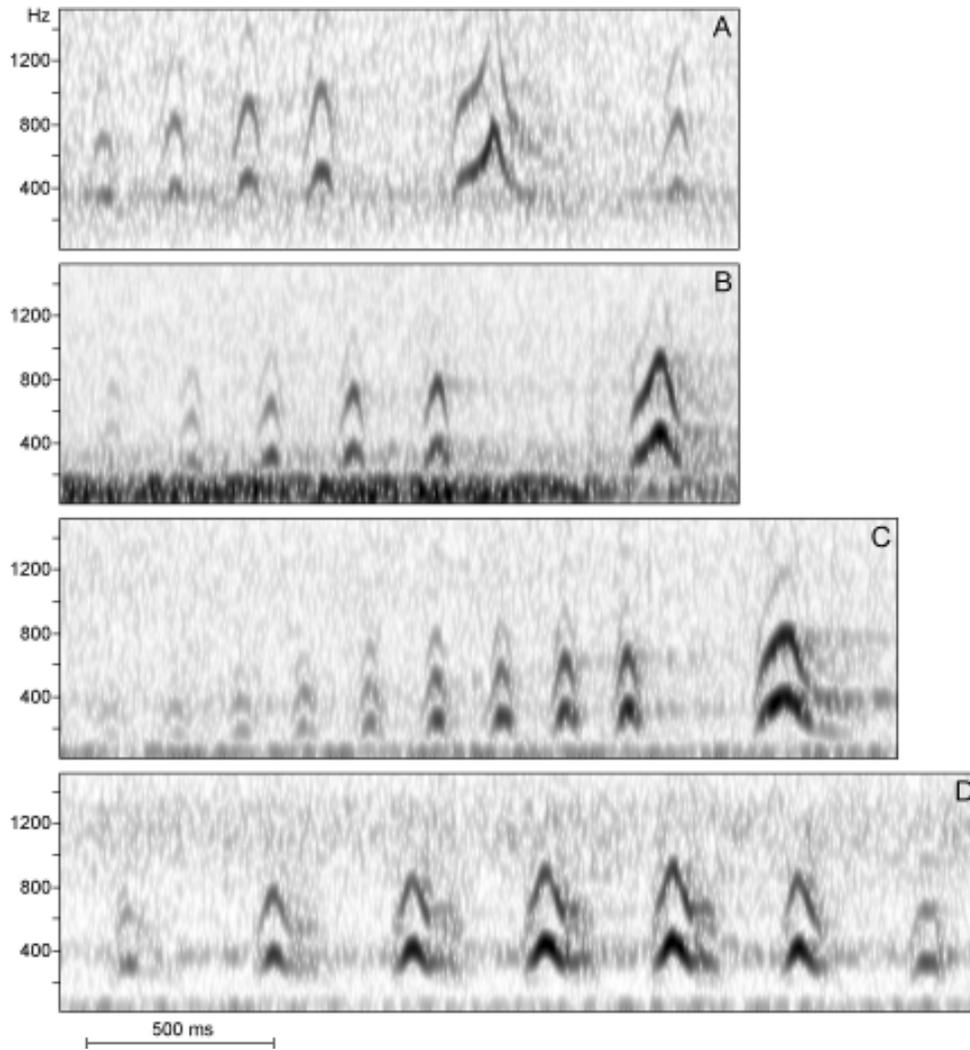


Figura 2 - A identificação do canto do indivíduo de *Strix huhula* gravado em março de 2004 por L. P. Gonzaga (ASEC 11.885) no Município do Rio de Janeiro (A) foi baseada na comparação com o canto da espécie apresentado em Hardy *et al.* (1989), gravado no Peru (B) e em Straneck (1990), gravado na Argentina (C), e com o canto de *S. virgata* (D) apresentado em Straneck (1990). Apesar das diferenças visíveis em relação ao número de notas e à faixa de frequência, os três cantos atribuídos a *S. huhula* apresentam o mesmo padrão rítmico e de variação de intensidade e frequência das notas, distinto do observado no canto de *S. virgata*. Espectrogramas preparados com o programa Canary versão 1.2.4 (Cornell Laboratory of Ornithology, Bioacoustics Research Program) em um microcomputador iMac G3/600 ("filter bandwidth" 267 Hz).

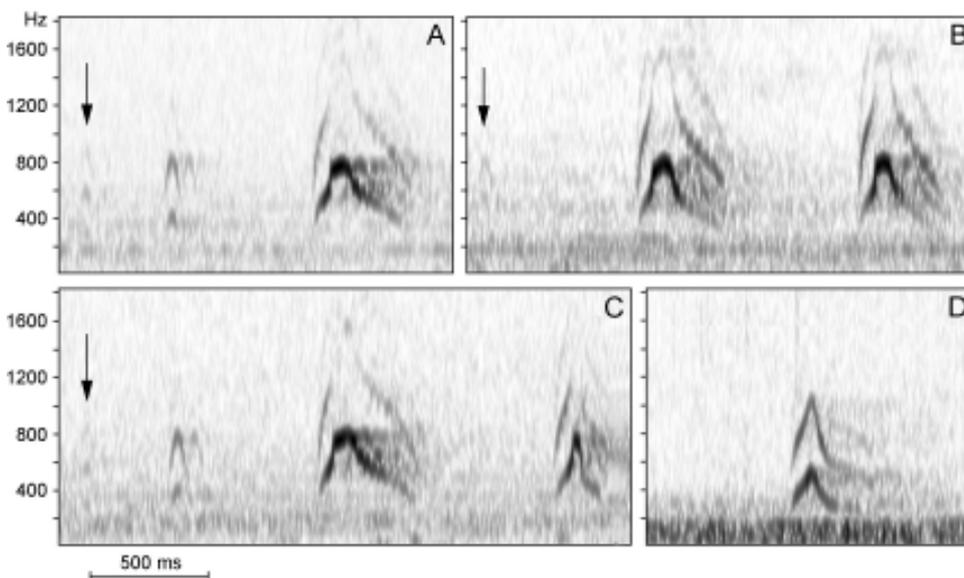


Figura 3 - Gritos de um indivíduo de *Strix huhula* gravados em março de 2004 por L. P. Gonzaga (ASEC 11.889) no Município do Rio de Janeiro (A-C) e grito possivelmente homólogo da espécie apresentado em Hardy *et al.* (1989), gravado no Peru (D). As setas indicam a localização de uma nota muito fraca no início do grito. Espectrogramas preparados com o programa Canary versão 1.2.4 (Cornell Laboratory of Ornithology, Bioacoustics Research Program) em um microcomputador iMac G3/600 ("filter bandwidth" 267 Hz).

extensamente ocupadas pela cidade. Isso permite prever a possibilidade de que novos registros de *S. huhula* venham a ser feitos nessas áreas por observadores atentos às suas vocalizações, embora a ausência de informações sobre a espécie por quase dois séculos nessa localidade aparentemente reflita uma baixa densidade populacional, semelhante à que tem sido verificada em outras partes de sua área de ocorrência (e.g. Holt *et al.* 1999, Borges *et al.* 2004).

O canto de *S. huhula* pode ser percebido auditivamente como uma seqüência de notas relativamente graves, composta por uma série inicial apressada com um número variável de notas curtas e uma nota final um pouco mais forte e prolongada, emitida após um intervalo de tempo maior do que os intervalos observados entre as notas iniciais. A essa vocalização devem corresponder as transcrições fonéticas apresentadas por Hilty e Brown (1986) como “a deliberate, deep, resonant *hu, hu, hu, HOOO*”, por Sick (1997) como uma “estrofe forte, ät-ät-ät-quäa” e por Holt *et al.* (1999) como “an ascending series of 4 deep and low-pitched “bhu” notes, followed by a sharp and slightly descending “bÚhu” note after a longer pause of c. 1.5 seconds”.

No espectrograma (figura 2a–c), verifica-se que todas as notas apresentam modulação de frequência ascendente e descendente. A intensidade e a frequência das notas aumentam progressivamente, de modo que a última nota, além de mais longa, é a mais forte e a mais aguda de toda a frase, podendo efetivamente ser a única audível a maiores distâncias (obs. pess.). Observa-se, ainda, a presença de uma nítida estrutura harmônica, com a maior parte da energia concentrada no harmônico fundamental, sendo a intensidade dos outros dois harmônicos visíveis no espectrograma progressivamente menor do que a do harmônico dominante. Notamos que a voz gravada no Rio de Janeiro (figura 2a) é um pouco mais aguda do que as representadas nas gravações feitas no Peru (figura 2b) e na Argentina (figura 2c), o que poderia indicar tratar-se da voz de uma fêmea, como ocorre em diversos gêneros de strigídeos (e.g. Miller 1934, Sick 1997:397). Além disso, esta ave emitiu, com certa frequência, uma nota adicional ao final da frase, com intensidade, frequência e duração menores do que as da nota principal do canto, assemelhando-se a uma das notas da série inicial da estrofe (figura 2a).

O canto de *S. virgata* apresentado por Straneck (1990; figura 2d), apesar de semelhante em alguns aspectos ao de *S. huhula*, difere deste principalmente pelo ritmo mais lento e regular, resultante de um espaçamento mais homogêneo entre todas as notas, sem nenhuma nota destacada ao final.

Além do canto, o indivíduo que registramos no maciço da Tijuca emitiu a intervalos de 14 a 36 segundos (média = 20 s, n = 26) um grito (figura 3a–c) constituído por duas a quatro notas, mais frequentemente (78%, n = 9) três notas, podendo a nota principal ser repetida duas vezes (figura 3b) ou sucedida por uma nota semelhante à nota mais forte do canto (figura 3c) e sendo geralmente antecedida por uma ou duas notas muito mais curtas e fracas, audíveis apenas a curta distância. É possível que esse grito seja homólogo ao apresentado em Hardy *et al.* (1989), gravado no Peru (figura 3d). Não ouvimos qualquer voz que pudesse ser identificada como a descrita por Hilty e Brown (1986) para essa espécie como “an ascending catlike scream, *whoeeeruh* followed after a short pause by a loud *boo*”.

AGRADECIMENTOS

Somos gratos a Whitson J. da Costa Jr. e Ivandy C. Astor pelo encaminhamento dos exemplares ao nosso laboratório, a Richard Sachsse pela gentileza e presteza com que providenciou a tradução de trechos relevantes da bibliografia, e a Carlos Eduardo Carvalho, Francisco Mallet-Rodrigues e José Fernando Pacheco pelo fornecimento de bibliografia e informações adicionais importantes.

REFERÊNCIAS

- Alves, M. A. dos S., J. F. Pacheco, L. A. P. Gonzaga, R. B. Cavalcanti, M. A. Raposo, C. Yamashita, N. C. Maciel e M. Castanheira (2000) Aves. In: H. de G. Bergallo, C. F. D. da Rocha, M. A. dos S. Alves e M. Van Sluys (orgs.) *A fauna ameaçada de extinção do Estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. p. 113–124.
- Bencke, G. A. e C. S. C. Bencke (1999) The potential importance of road deaths as a cause of mortality for large forest owls in southern Brazil. *Cotinga* 11:9–80.
- (2000) More road-killed owls and a new record for Santa Catarina, Brazil. *Cotinga* 13:69.
- Borges, S. H., L. M. Henriques e A. Carvalhaes (2004) Density and habitat use by owls in two Amazonian forest types. *Journ. Field Ornithol.* 75:176–182.
- Forrester, B. C. (1993) *Birding Brazil, a check-list and site guide*. Irvine: John Geddes.
- Hardy, J. W., B. B. Coffey Jr. e G. B. Reynard (1989) *Voices of the New World Owls*. Gainesville: ARA Records (ARA 16).
- Hilty, S. L. e W. L. Brown (1986) *A guide to the birds of Colombia*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press.
- Holt, D. W., R. Berkley, C. Deppe, P. L. Enríquez Rocha, J. L. Petersen, J. L. Rangel Salazar, K. P. Segars e K. L. Wood (1999) Black-banded-Owl. In: J. del Hoyo, A. Elliott e J. Sargatal (orgs.) *Handbook of the birds of the world, vol. 5. Barn-Owls to Hummingbirds*. Barcelona: Lynx Edicions. p. 205.
- Miller, A. H. (1934) The vocal apparatus of some North American Owls. *Condor* 36:204–213.
- Pacheco, J. F. (1988) Acréscimos à lista de aves do Município do Rio de Janeiro. *Bol. FBCN* 23:104–120.
- Partridge, W. H. (1956) Variaciones geograficas en la Lechuza Negra, *Ciccaba huhula*. *Hornero* 19:143–146.
- Pelzeln, A. von (1868–1871) *Zur Ornithologie Brasiliens: Resultate von Johann Natterers Reisen in den Jahren 1817 bis 1835*. Wien: A. Pichler's Witwe und Sohn.
- Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (2001) *Atlas das Unidades de Conservação da Natureza do Estado do Rio de Janeiro*. São Paulo: Metalivros.
- Sick, H. (1983) *Aves da cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza.
- (1985) *Ornitologia brasileira, uma introdução*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- (1997) *Ornitologia brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Sick, H. e L. F. Pabst (1968) As aves do Rio de Janeiro (Guana-bará). Lista sistemática anotada. *Arq. Mus. Nac. Rio de Janeiro* 53:99–160.
- Simon, J. E. (2000) Composição da avifauna da Estação Biológica de Santa Lúcia, Santa Teresa – ES. *Bol. Mus. Biol. Mello Leitão (nova série)* 11/12:149–170.
- Straneck, R. (1990) *Canto de las aves de Misiones II*. Buenos Aires: Literature of Latin America.
- Willis, E. O. e Y. Oniki (2002) Birds of Santa Teresa, Espírito Santo, Brazil: do humans add or subtract species? *Papéis Avulsos de Zool., S. Paulo* 42:193–264.